

Estudo 12

Os Salmos de lamentação e os imprecatórios (I)

(Sl 3 a 7, 9, 10, 12-14, 17, 22, 25,
28, 31, 35, 36, 38, 39, 41-44, 49 e 51-58)

Marcelo Dantas
estudosmec@pibrj.org.br

John Piper, em seu livro “Lutando contra a incredulidade” nos diz que “Abatimento não é uma palavra comum, hoje em dia. Mas eu acho que ela capta o que quero dizer. Não é depressão por si só, porque depressão tem a conotação de uma condição clínica, em nossos dias. Mas é mais do que simplesmente ter um dia ruim e sentir-se temporariamente melancólico à noite. Entre esses dois existe um terreno amplo de infelicidade, onde muitos cristãos vivem suas vidas. Sob muito dessa experiência está a incredulidade na graça futura de Deus e o seu fundamento na pessoa e obra de Cristo.”¹

“Os salmos de lamentação e os imprecatórios são orações feitas pela congregação em tempos de emergência nacional, como pragas, secas, invasões ou derrotas (44; 60; 74;79-80; cf. Lm 5). Entre os componentes literários da queixa comum estão:”² a invocação a Deus e clamor inicial por ajuda; referência à salvação de Deus no passado; descrição do sofrimento do povo; afirmação de confiança em Deus; desejo duplo em relação ao povo e seus inimigos (que Deus escute o clamor de seu povo e o vingue); voto de louvor público quando Deus os livrar.

Há, também, queixas de indivíduos nos salmos, sendo estes a maioria. A diferença desses para a queixa comunitária é que a menção a salvação divina no passado e o desejo duplo não sejam elementos frequentes. Constam neles: a invocação a Deus e apelo por socorro; descrição da crise de forma poética em referência aos inimigos do salmista, do salmista e de Deus; afirmação de confiança; muitas petições; um argumento complementar para a súplica; voto de louvor

público e oferta de gratidão e certeza de ter sido ouvido.”³

“Dois tipos de circunstâncias parecem ter dado ocasião para orações de queixa individual: (1) perseguição social, muitas vezes manifestada em acusações injustas de má conduta (e.g. 3; 5; 7; 17; 25; 27; 56; 69) e (2) doença (e.g., 38; 39; 62; 88). Às vezes ambos elementos estão combinados na mesma oração (e.g. 6; 31; 88). Quer a perseguição tivesse deixado o sofredor doente, quer a doença tivesse provocado acusações de pecado, o sofredor é torturado pela dor e abandonado pelos amigos.”⁴

“As súplicas sempre começam com uma invocação direta a Deus - por exemplo, “Ó YHWH” (Sl 3.1; 5.1; 6.1). Voltando-se para Deus na aflição e falando com ele, o suplicante reconhece sua total dependência de Deus. Buscar livramento que não em Deus é o mesmo que idolatria. Davi incorreu na ira divina quando fez a contagem de seus combatentes porque, conforme confessa, “Eu [...] dizia na minha prosperidade: Jamais serei abalado” (Sl 30.6[7]; 2Sm 24). Dirigir a súplica a Deus está de conformidade com outros salmos que ressaltam que não se pode depositar a confiança no ser humano (cf. Sl 118.6,7; 146.3). Só Deus é capaz de ajudar (Sl 62.7-9); todas as outras coisas e os seres humanos são ilusão (Sl 33.16-18). O tolo diz que Deus não existe (Sl 10.4,11; 14.1). De acordo com Helmer Ringgren, não buscar a Deus na hora da crise é “aquilo que os babilônios chamam ‘viver ina ramanishu’, i.e., viver por si só, com os próprios recursos, sem

¹ PIPER, John. *Lutando contra a incredulidade*. São José dos Campos: Fiel, 2014. p. 123

² LASOR, William. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 471.

³ LASOR, William. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 473-474.

⁴ LASOR, William. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 474.

depende de Deus. Mas essa é a essência do pecado”.⁵

“Paulo também identificou-se com o salmista quando escreveu: “Por amor de ti enfrentamos a morte todos os dias; somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro” (Rm 8.36; Sl 44.22[23]). Mas, diferentemente do salmista, os cristãos regozijam-se nos sofrimentos, e regozijam-se por duas razões. Primeiro, os cristãos, mais que os salmistas, sabem que sofrimentos injustos produzem virtudes (Rm 5.3-5; Tg 1.2,3; 1Pe 1.7). E, segundo, como Jesus Cristo “trouxo à luz a vida e a imortalidade” através da morte pelo pecado, sepultamento e ressurreição comprovada (2Tm 1.10; 1Co 15.3-8), eles sabem melhor do que o salmista que grande é a recompensa no céu para aqueles que são perseguidos por causa da justiça e da fé em Jesus Cristo (Mt 5.10-12; 1Pe 4.13). Francis Bacon bem afirmou: “A prosperidade é a bênção do Antigo Testamento; a adversidade é a bênção do Novo, algo que acarreta bênção suprema, e uma revelação mais evidente do favor de Deus”. Moberly comenta sobre esta oposição e perseguição: “A visão do cristão pode contextualizar estes acontecimentos dentro da vida de discipulado”. Em resumo, ninguém pode falar “dos salmos como alegria cristã no sofrimento”.⁶

“De onde quer que o abatimento venha, Satanás o pinta com uma mentira. A mentira diz: “É isso. Você nunca será feliz novamente. Você nunca será forte novamente. Você nunca terá o vigor e a determinação de novo. Sua vida nunca mais terá um propósito. Não há manhã após esta noite. Nenhuma alegria após o choro. Tudo está repleto de melancolia, mais e mais sombrio. Isso não é um túnel, é uma caverna, uma caverna sem fim”. (...)

No Salmo 73:26, o salmista diz: “O meu corpo e o meu coração poderão fraquejar” (NVI). Literalmente, o verbo é simplesmente: “O meu corpo e o meu coração fraquejam”! Estou abatido! Estou desanimado! Mas, imediatamente, ele dispara suas armas contra o desânimo: “Mas Deus é a força do meu coração e a minha herança para sempre”. O salmista não se rende. Ele luta contra a incredulidade com um contra-ataque.

Em essência, ele diz: “Em mim mesmo eu me sinto muito fraco e impotente, e incapaz de lidar com isso. Meu corpo está baleado e o meu coração está quase morto. Mas qualquer que seja a razão para este abatimento, eu não cederei. Eu confiarei em Deus e não em mim. Ele é a minha força e a minha herança”.⁷

⁵ WALTKE, Bruce. *Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática*. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 975

⁶ WALTKE, Bruce K. *Os Salmos como lamento cristão: um comentário histórico*. São Paulo: Shedd Publicações, 2018. p. 13

⁷ PIPER, John. *Lutando contra a incredulidade*. São José dos Campos: Fiel, 2014. p. 128-129